



Biblioteca Nacional
Serviço de Depósito Legal
LISBOA - 2



POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virgínio Pires

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13—Telefone 127—TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266—TAVIRA

O SENHOR JANEIRO

Senhor Janeiro, sabendo todos ocupados com a ideia de passarem bem dum ano para o outro, subrepticamente avancem o seu pezinho e entrou.

Já tinha mandado por arautos o frio e a chuva, mas os homens e os bichos combateram o frio, e a terra bebeu a chuva que sobrou à sede das raízes.

O sr. Janeiro não gostou que se defendessem do que chama as suas actividades e activou-as mais: intensificou o frio, despejou mais catadupas de

chuva e acompanhou as preciosas dádivas com orquestra de trovões e iluminação de relâmpagos multicores.

Ele mesmo resolveu vestir o seu grande uniforme de flocos de neve e cristais de geada e não se poderá dizer que avança com pés de lã, porque uma vez transposto o humbral do tempo, perdeu o receio de ser mal recebido e é quem impera.

Mandou logo acrescentar uma unidade ao ano descuidado que se despediu, e mandou também que se pagassem contribuições prediais e que crescessem dentro do ovo muitíssimas lagartas que se hão-de encarregar de devorar muito do que os homens semeiam.

Quando todos se lamentam coir os dedos feitos mostruários de frieiras, com o corpo doído do peso da roupa como os landeis que sustentavam as solhas das antigas armaduras, o sr. Janeiro, com as suas rosadas bochechas de velho sadio, repucha os músculos do riso e

(Continuação da 4.ª página)

GEOGRAFIA APLICADA AO PROGRESSO DO ALGARVE

SOB o título «Geografia Aplicada ao Progresso do Algarve» realizou o presidente da Comissão Cultural da Casa do Algarve, Dr. José João Vieira, no passado dia 15 a sua anunciada conferência. Presidiu o presidente da Assembleia-Geral, da mesma associação regionalista, General Leonel Vieira, tendo à sua direita o deputado coronel Sousa Rosal e eng.º geógrafo Dr. José António Madeira, e a sua esquerda major Mateus Moreno e Dr. Américo Furtado Mateus.

O conferencista foi breve no seu trabalho mas preciso nos seus objectivos que apontou como linha de orientação a futuros estudos sobre o Algarve, como elementos de contribuição para o seu progresso, cuja síntese inserimos:

«Para retomar um novo ciclo de conferências e actividades culturais que uma das Comissões da Casa do Algarve, criada para tal fim, vem realizando, propôs-se o presidente da mesma desenvolver o tema acima referido.

Depois de fazer uma ligeira introdução sobre a evolução e valor objectivo da Geografia, e da importância que os portugueses tiveram no seu desenvolvimento, referiu-se à aplicação pormenorizada dos vários aspectos regionais, que pudessem sem que se perdesse a visão de conjunto, explicar e integrar o desenvolvimento regional do País numa evolução tanto quanto possível, equilibrada e perfeita. Para isso, haveria necessidade de quem se debruçasse sobre os

(Continuação na 4.ª página)

Erro Tipográfico

Por um lamentável erro tipográfico o último número do nosso jornal veio trocado pois em vez do n.º 1593 saiu o n.º 1594.

DR. CARLOS PALMA

Tem passado incomodado de saúde o sr. Dr. Carlos Augusto Palma, distinto médico nesta cidade e nosso prezado amigo. Fazemos votos pelas suas rápidas melhoras.

- 4 JAN. 1965

PROFESSOR DOUTOR AUGUSTO DA SILVA CARVALHO

Tal como em tempos anunciámos, vai a Misericórdia de Tavira proceder ao desceramento do busto do benemérito prof. Dr. Augusto da Silva Carvalho, no dia 10 do mês corrente, pelas 16 horas, na Praça Zacarias Guerreiro (jardim de S. Francisco frente ao Hospital da Misericórdia).

Homenagem justa à memória do tavirense ilustre que ascendeu aos mais altos cargos do ensino universitário. Publicista e cientista que deixou a sua presença marcada com mais de uma centena de obras da sua autoria.

Representou Portugal no estrangeiro, em vários congressos da Medicina.

No final da sua vida legou parte dos seus bens à nossa Misericórdia, computados em

(Continua na 2.ª página)



Professor Doutor Augusto da Silva Carvalho
Figura eminente e grande benemérito

TRES MINISTROS VISITARÃO O ALGARVE ESTE MÊS

Na primeira quinzena deste mês esrera-se a visita do sr. Ministro das Obras Públicas, que a convite da Câmara Municipal de Faro, virá estudar diversos problemas de urbanização da cidade.

Também visitarão o Algarve os srs. Ministros do Interior e do Exército, que aproveitarão o enjejo de entregar à professora das primeiras letras de ambos, sr.ª D. Teresa de Jesus Nery Viegas, as insígnias da Ordem de Instrução Pública, com que foi agraciada há pouco pelo Chefe do Estado.

Segundo notícia vinda a lume na Imprensa diária, os três membros do Governo deslocar-se-ão de avião ao Aeroporto de Faro.

CONGRESSO ALGARVIO

20-12-1920

MIMA-ME sempre quaisquer demonstrações festivas, brilhante folklore ou animado Congresso em qualquer das terras do meu saudoso Algarve. Por isso quando li que resolviam brevemente fazer mais um Congresso Algarvio rejubilei ainda mais, com honrosa referência ao nosso bom e muito ilustre escritor Julião Quintinha ainda que antecipadamente pois o seu aniversário natalício decorre ainda em 11 do corrente mês, aproveito para o felicitar e creio que neste seu aniversário natalício a alma algarvia se expandirá numa entusiástica saudação. Mas anunciaram um segundo congresso algarvio na Praia da Rocha. Houve um e bem importante na linda cidade de Tavira, em 20-12-1920. Esquecê-lo seria como que ofender a memória do muito bondoso e proficiente matemático Dr. António Cabreira, que com muita arte, vontade e trabalho quis honrar a sua querida ter-

ra natal com tão magnífica realização.

Eu estava em Coimbra fez-me um honroso convite de tal modo que prometi e fui. Descrever a minha surpresa tornar para esse fim à linda cidade que no verdor da minha idade visitei e vivia em férias foi para mim uma grande comção de alegria senão de saudade dos bons tempos que lá passei.

Na hora própria reuni-me a esse esplêndido cortejo onde vi honrosas personalidades da

(Continua na 2.ª página)

FESTA DO SERVIÇO SOCIAL E CASA DOS PESCADORES

Para comemorar o Natal, realizou-se no ginásio da Escola de Pesca, uma festa dedicada aos pescadores e suas famílias, organizada pelo Serviço Social, de colaboração com a Casa dos Pescadores e desempenhada unicamente por filhas de pescadores que frequentam a Escola Técnica, escolas primárias e Casa de Trabalho de Tavira.

A festa constou de três partes, sendo a primeira preenchida por recitações de poesias, a segunda pela exibição do grupo coral e a terceira pela representação de duas pequenas peças: «O Dia de Anos do Menino Jesus» e o «Natal no Egipto».

O ginásio — salão de festas — encontrava-se ornamentado com muito gosto e foi numerosa a assistência que aplaudiu com verdadeiro entusiasmo o trabalho das pequenas artistas, que muito bem se saíram da sua experiência dramática e musical.

No final da festa, que se realizou no passado dia 28 de Dezembro, a comissão promotora ofereceu um lanche às crianças que nela actuaram.

Para assistir a este espectáculo, deslocou-se a Tavira o sr. Comandante Henriques de Brito, director da Escola de Pesca.

AS MONTRAS

Tal como nas outras terras, as montras das lojas da cidade apresentavam, na quadra do Natal, um aspecto muito cuidado, cheio de distinção, algumas delas e até feérico.

Agasalhos de luxo, brinquedos de encantar o mundo das crianças, utilidades e adornos, viveres, tudo iluminado por luz a jorros, dava às ruas da cidade, especialmente de noite, uma animação e um colorido mais intenso do que habitualmente acontece.

O movimento era também superior aquele que durante o resto do ano se verifica, pois uma exposição artisticamente disposta e o hábito de oferecer prendas atraíram imensas pessoas à compra de inúmeros objectos.

Felizmente a chamada «Arvore do Natal» não criou raízes fundas na nossa terra. Os fios de Natal, cabelos-de-anjo, estrelas, bolas, sinos, pinhas e sobretudo a bonita disposição dada aos artigos apresentados foram os recursos que os comerciantes chamaram a si, no que só encontraram vantagem para o fim em vista e processo de valorizarem os motivos nacionais de decoração natalícia.

Um Tavirense distinguido no estrangeiro

Foi há dias condecorado na Bélgica, pelo Governo Brasileiro, com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, o nosso conterrâneo sr. Dr. Vasco da Fonseca, professor catedrático do Instituto Superior do Comércio, do Estado de Anvers, que já há tempo fora também condecorado naquele país com a comenda da Cruz da Resistência, Cavaleiro da Ordem da Coroa e oficial da Ordem de Leopoldo II.

Era filho do sr. Apolinário da Fonseca, 1.º oficial chefe do arquivado da Câmara de Lisboa, já falecido, e pai da sr.ª D. Silvia da Fonseca, residente na Inglaterra e sobrinha da sr.ª D. Naria Cândida da Fonseca e Silva, residente em Lisboa.

E com prazer que registamos esta notícia pois é sempre agradável falar de conterrâneos que se elevam pelos seus dotes de inteligência e de trabalho.



José Emídio Fernandes Sotero
Provedor cessante da Misericórdia de Tavira

O Centenário do «Diário de Notícias» em Olhão

Realizou-se no passado dia 29 de Dezembro, na vila de Olhão, a cerimónia de desceramento dum placa de mármore baptizando a rua formada pela junção dos renques de moradias do extremo Norte dos Bairros Marechal Carmona e de Nossa Senhora da Assunção, com o nome do «Diário de Notícias».

Presidiu à sessão, junto à nova placa toponímica, que es-

tava velada por rectângulo de cetim da cor da bandeira municipal, o sr. Dr. Romão Duarte, Governador Civil do Distrito, que para o efeito se deslocou a Olhão, em cujo limite foi aguardado pelas autoridades locais. Presentes o Presidente do Município e sua verreação, Presidente da Junta Distrital, Capitão dos Portos de Faro e Olhão, Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, Delegado Distrital do Diário de Notícias, Monsenhor Cônego Dr. António Baptista Delgado e o Prior da Freguesia de Pechão, em cuja área os Bairros se situam. Muito povo estava presente, assim como os representantes da imprensa. Prestou guarda de honra ao representante do Governo a Corpora-

(Continua na 2.ª página)



Câmara informa!

Durante o ano de 1964, procuravam os Serviços de Turismo de Tavira, pedindo diversos elementos, 1583 turistas das seguintes nacionalidades:

Portugueses, 269; Franceses, 424; Ingleses, 382; Alemães, Suíços, Belgas, Americanos, Espanhóis, Brasileiros, Suecos e Dinamarqueses, 508.

TROVA

Tem vestido não tem costas...
Não tem nem precisa ter
Porque é assim que tu gostas
E eu também gosto de ver!

S. T.

O centenário do «Diário de Notícias»

(Continuação da 1.ª página)

ção dos Bombeiros Municipais e deputações da Mocidade Portuguesa e dos Escoteiros de Portugal.

Usou em primeiro lugar da palavra o sr. Alfredo Timóteo Ferro Galvão que começou por agradecer às entidades que se dignaram assistir ao acto e ao povo que afluiu para se associar à manifestação de apreço que se realizava. Disse que a Câmara Municipal decidira numa das suas reuniões de trabalho do passado mes, cumprir o que fôra deliberado em sessão municipal de 1946 e que consistia em dar o nome de «Diário de Notícias» a uma das ruas do Bairro de Nossa Senhora da Assunção. Pateu reconhecimento pela sua prestimosa acção em defesa dos interesses de Olhão, nomeadamente da construção daquele bairro, de que foi paladino. Referiu-se à valiosa função da imprensa como meio de comunicação entre os homens desde que Gutenberg tornou possível a difusão da palavra escrita, até à actualidade, em que as notícias velozmente dão volta ao globo. Prestou homenagem à memória de Eduardo Coelho, que há um século criou aquele grande órgão da imprensa nacional e às invulgares qualidades do seu actual director, Dr. Augusto de Castro e disse que de modo algum a Câmara se poderia alhear a de tão importante efeméride que nesse dia tornava centenário tão glorioso jornal.

Seguiu-se no uso da palavra o Dr. Mário Lyster Franco, que na qualidade de representante daquele jornal no distrito, agradeceu a homenagem que Olhão se dignara prestar ao Diário de Notícias e, num brilhante improviso que encantou os circunstantes, tecu rasgado elogio ao poeta olhanense Dr. João Lúcio que foi grande amigo do Dr. Augusto de Castro, a quem dedicou alguns dos melhores versos do seu livro «O meu Algarve», que publicou pouco antes de ser surpreendido pela pneumónica que o vitimou aos 38 anos de idade. Disse que se não fôra o facto de nesse momento estar o Director do Jornal a receber em Lisboa a visita de Sua Ex.ª o Presidente da República, ele não deixaria de vir derramar uma lágrima de saudade sobre a campa onde jaz o poeta, no dia em que o Município de Olhão prestava tão significativa homenagem a que gostaria de assistir. Falando apenas como jornalista e em seu nome pessoal, exaltou as qualidades da gente laboriosa desta terra de trabalhadores que vive numa vila de rara característica, que por isso mesmo merece ser apreciada pelo turista que à nossa província se desloca para se deliciar com o incomparável dom que a natureza lhe deu.

As palavras de orador foram sublinhadas com vibrante aplauso do público e coroadas com a oferta dum artístico ramo de rosas naturais entregue pela sr.ª D. Maria da Conceição Romeira, agente do corpo feminino dos Bombeiros que, num gesto extremamente simpático o Dr. Lyster Franco foi depôr junto ao busto do Dr. João Lúcio erguido num pedestal do jardim que tem o seu nome, na Avenida da República.

Seguidamente, o sr. Dr. Romão Duarte, Governador Civil do Distrito e comitiva dirigiram-se para a placa evocativa do Diário de Notícias que foi descerrada, enquanto a banda de música da Legião Portuguesa executiva o Hino Nacional que os presentes escutaram com recolhimento.

Terminada assim a sessão, dirigiram-se as entidades e os representantes da imprensa à Estalagem Cafque, onde o seu proprietário brindou os visi-

tantes com um lauto beberete que serviu de pretexto a um útil e cativante convívio em que se trocaram impressões sobre a importância de Olhão no concerto turístico algarvio, alvitando o Dr. Lyster Franco o interesse dum miradoiro público que desse ao turista a oportunidade de conhecer Olhão através dum ponto alto para poder admirar o deslumbramento das sombras que o sol desenha na brancura das açoteias.

O jornalista Pedro Martins também agradeceu ao Governador Civil a honra que deu a Olhão de presidir à consagração do diário de que é correspondente há 30 anos, afirmando a sua confiança na governação municipal do sr. Alfredo Galvão que está rodeado dum pleiade de entusiastas vereadores, e referiu-se a vários interesses locais a que o seu jornal está sempre pronto a dar o devido relevo.

O sr. Governador Civil congratulou-se com a feliz iniciativa da Câmara Municipal e manifestou-se encantado com o ambiente acolhedor da terra, e pronto a apoiar as legítimas aspirações desta simpática terra, que contará com a sua vontade de servir os interesses regionais.

O proprietário do «Cafque» conduziu os visitantes ao miradoiro do 4.º piso, onde lhes foi dado extasiarem-se com o admirável panorama da arquitectura cubista que o sol doirava na amena tarde de Dezembro em que o céu oferecia o límpido azul-celeste que inebria o turista nordestino que aqui vem peregrinar. Dali se apreciou o Olhão industrial que lança para os ares as suas elevadas chaminés cilíndricas, o Olhão insular que estende arrais para Levante e Poente e o Olhão campestre dominado pelo inegalável miradoiro que é o Serro de S. Miguel ou Monte Figo e pelo pitoresco e penhascoso Serro da Cabeça onde se disseminam várias grutas de estalactites que solicitam a nossa visita.

Eis que findou com visão de deslumbrar, a cerimónia que consagra o alto mérito dum órgão nacional de informação que durante um século informa, elucida e orienta o público, transpondo momentos nacionais da maior expectativa com a sua palavra esclarecedora para manter as gentes cientes do que se passa. Missão lúgubre a de permanecer numa linha de rumo sem desvios através de tão longo período, concorde com a compreensão de grande massa populacional. Mas essa missão foi cumprida com o crescente prestígio do nome que gloriosamente penetra noutro século. Bem hajam pois quantos o dirigem!

Manuel Domingos Terramoto

PRÉDIO VENDE-SE

Na Rua Almirante Cândido dos Reis, 204, com 5 compartimentos, varanda e quintal.

Quem pretender dirija-se a Aurélio Assunção Enes, Rua Poeta Emiliano da Costa, 84 — TAVIRA.

NA CULTURA DO TOMATEIRO

os estragos feitos pelas pragas do solo são consideráveis UTILIZE na adubação ou junto à planta **ORIANE 5** (pó insecticida com 5% clordeno refinado) e não perderá tempo em novas PLANTAÇÕES

COMPRE UTILIZE COMPARE

VENDE:

MANUEL ANTÓNIO FELICIANO

PRODUTOS PARA AGRICULTURA

Telef. 67 (armazém) e 72

CEVADEIRAS — VILA NOVA DE CACELA

Congresso Algarvio

(Continuação da 1.ª página)

mais elevada posição social. Vi com prazer esse distinto e bondoso Dr. Rodrigues Davim que eu como estudante em Faro já o admirava como toda a população que bastante o estremecia. Ao chegarmos ao adro da Igreja do Castelo repicavam festivamente os sinos. O Regimento prepositadamente havia-se destacado de Faro com a respectiva Banda Militar Comandava-o o nosso muito saudoso Coronel Pires Viegas. Mais militares, etc. Entrámos no histórico templo artisticamente adornado. Ia-se celebrar solene Te Deum. Já estava o Rev.º Oficiante e respectivos Ministros ricamente aparámentados.

O celebrante representante do Ex.º Prelado Diocesano, nosso muito querido ex-professor, senhor D. Marcelino Franco de saudosíssima memória. Af osculamos o Missal cerimónia adequada ao juramento da nova Ordem de Santa Maria do Castelo que a indiferença de uns e a rivalidade d'outros não souberam compreender essa grande honra para a cidade de Tavira.

Ordem de Santa Maria do Castelo, criteriosa finalidade do bondoso fundador para assim elevar mais a sua querida terra natal. E hoje seria uma grande honra não só para Tavira, como para todo o Algarve.

E desses cavalheiros apenas resta a minha humilde pessoa. Um soleníssimo Te Deum. Depois a visita ao túmulo do Conquistador Paio Peres Correia. Em todos os actos em cerimónia oficial pois se até o Ex.º Chefe da Nação se fez representar com todas as honras oficiais. Ministros, altas individualidades, militares e senhoras. No teatro recita de gala numa deslumbrante imponência. A sessão solene onde falaram excelentes oradores Dr. Rodrigues Davim, Coronel Pereira da Silva e outros até que só por obediência também falei. Aproveitei o festivo momento para que se pedisse à Direcção dos Monumentos Nacionais o restauro da Sé, Castelo, etc. E conseguiu-se.

Mais umas realizações festivas e assim brilhantemente terminou tão excelente Congresso algarvio. Como agora se fala no 1.º na Praia da Rocha. E o segundo em qualquer terra que desconheço e ninguém fala no Congresso de Tavira? Isso é uma ofensa para Tavira nobre, linda cidade de históricas tradições que não poderá assim ser aviltada fazendo-se esquecer o que com tanta grandeza e sumptuosidade apresentou no seu excelente congresso em 20-12-960.

Oliveiros Braz Machado

Emílio Campos Coroa

Médico especialista

Doenças dos Olhos

Consultas em Tavira, no Montepio dos Artistas, todas as sextas-feiras, pelas 11 horas

Professor Doutor Augusto da Silva Carvalho

(Continuação da 1.ª página)

cerca de 2.000 contos, reverendo, assim, o produto do seu trabalho para a mais sublime Instituição de Assistência da sua terra natal.

Nasceu em 13 de Dezembro de 1861 e faleceu em 11 de Março de 1957.

Para a cerimónia de descerramento que terá a presença de entidades oficiais, Mesa da Misericórdia, Corporação de Bombeiros e Banda de Tavira, convidam-se todas as pessoas do nosso concelho.

A Comissão Executiva que é presidida pelo nosso conterrâneo, Dr. Ascensão Contreiras, é composta também pelos srs. Dr. Mário Lyster Franco, que falará sobre a obra e vida do falecido Professor, pelo nosso Director e José Emídio Fernandes Sotero, como secretário.

O busto é da autoria do escultor José Manuel da Costa Maurício.

Como já dissemos no último número do nosso jornal é com este simpático gesto, prestando homenagem a um tavirense insigne e grande benemérito que abandona as funções de Provedor da Misericórdia de Tavira, o sr. José Emídio Fernandes Sotero.

Bem haja pois quem tão bem soube servir a Misericórdia de Tavira, terminando seu mandato com uma justa e honrosa homenagem póstuma, ao maior benemérito do Hospital de todos os tempos. Assinalamos com verdadeiro júbilo a última determinação do Provedor cessante.

A seguir damos à estampa uma carta que nos foi enviada pela Câmara de Tavira, com pedido de publicação:

Ex.º Sr.

José Emídio Fernandes Sotero
Tavira

Ao ter-se conhecimento de que V. Ex.ª devido aos seus afazeres profissionais vai abandonar as funções de Provedor da Misericórdia de Tavira, que vinha exercendo, há alguns anos, com a maior proficiência e acrisolado espírito de sacrifício, a Câmara Municipal de Tavira em seu nome e interpretando o sentir dos habitantes do concelho não pode deixar de lhe manifestar neste momento em que V. Ex.ª se retira de tão importante cargo, onde prestou assinalados serviços, a sua profunda gratidão pelo interesse que sempre dedicou aos problemas de assistência aos doentes pobres desta cidade e demais freguesias, assim como o subido apreço que lhe é devido pelas altas qualidades de que é possuidor.

Como Presidente da Câmara cabe-me também o dever de exprimir a V. Ex.ª o meu sincero reconhecimento pela leal colaboração que sempre me dispensou, principalmente quando os assuntos em causa tinham por fim o progresso e engrandecimento da cidade de Tavira, não podendo esquecer ainda o valioso contributo para a propaganda do concelho resultante das Festas da Cidade que V. Ex.ª tão brilhantemente iniciou.

Lamentando a perda de V. Ex.ª como colaborador oficial, tenho a honra de apresentar os melhores cumprimentos.

À Bem da Nação
Tavira e Paços do Concelho, 26 de Dezembro de 1964.

O Presidente da Câmara,
Jorge Augusto Correia

ATENÇÃO

Ver para Crer

Para todos os seus Ex.ºs Clientes e Revendedores a

COMPETIDORA

DE José Augusto Neves

tem à disposição grande existência de lanifícios, pretos, azuis e cores, adquiridos ultimamente nas melhores condições. Os preços beneficiam de 10 a 50% do justo valor da mercadoria. Compre na

COMPETIDORA

Praça da República, 16 - Telef. 149
TAVIRA

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Beatriz da Assunção Galhardo, D. Maria Helena da Silva Rosa srs. Carlos de Nery Fernandes Bandeira, João Martins Victor e António João da Silva Matos.

Em 4 — D. Maria Emilia Lopes de Figueiredo, srs. Amadeu da Silva Fernandes, Carlos do Nascimento Rocha e Carlos Viegas do Nascimento Rocha.

Em 5 — D. Maria José Soares da Fonseca, Fernando Avelino Lopes da Cruz e Luís Manuel da Conceição Esteves.

Em 6 — D. Isabel Figueira, D. Maria Viegas Ventura, srs. Dr. Eduardo dos Reis Viegas Maninho, Dr. Virgílio Passos, Benedito Reis Fortunato D'as.

Em 7 — D. Maria Leonor Falcão Bastos Pinto, D. Maria Pereira, D. Julia Evas Duarte de Matos, meninos António José Laranjo Correia, António Joaquim Mendes Milharó e o sr. António de Torres Martins.

Em 8 — D. Maria Olga dos Reis Silva, meninas Benedita Faustina, Maria Susana Miguel Soares srs. Túlio Vicente Correia Matos e Luis Rodrigues Coelho.

Em 9 — D. Odete Marilla Peres Campos, D. Maria Julieta dos Santos, menina Maria Rita Trigosso Torres e o menino Carlos Manuel Ramos do Carmo.

Partidas e Chegadas

No gozo da férias encontra-se em Tavira, com sua mãe, o distinto estudante da Faculdade de Ciências de Lisboa, nosso conterrâneo e assinante sr. Rui João Baptista Soares, bolseiro da Gulbenkiam.

Também se encontra entre nós, o distinto estudante da Faculdade de Letras em Lisboa e bolseiro da Gulbenkiam, sr. José Alberto Mendonça Gonçalves, nosso conterrâneo.

— Com sua família veio passar em Tavira a quadra festiva do Natal, o sr. Dr. Freitas e Silva, professor do ensino liceal, no Estoril.

— Com sua esposa encontra-se nesta cidade, o nosso conterrâneo e assinante sr. Celestino dos Santos Amaro, funcionário dos escritórios da C. P. em Lisboa.

— Com sua esposa foi passar o fim do ano à Madeira, o nosso assinante sr. Celestino Pereira Amaro, proprietário do Café-Restaurante «Miras».

— A fim de passar o Natal com sua família esteve nesta cidade o sr. Eduardo Andrade, Guarda Marinha da Administração Naval, ao serviço em Lisboa.

— Com sua esposa e filhos veio o passar o Natal em Tavira, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Dr. Manuel S. bino Costa Trindade, médico na capital.

— Com sua esposa e filhos encontra-se passando férias na sua Quinta de Santa Margarida, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Eng.º Rui Ferreira.

— No gozo de férias encontra-se nesta cidade Mlle Maria de Lourdes Campina Guerreiro, aluna da Faculdade de Letras de Lisboa.

— Com sua esposa foi passar o fim do ano em Sevilha, o nosso prezado amigo sr. Eng.º Agrónomo Oscar Reis Cunha, em serviço na Estação Agrária desta cidade.

— A fim de passar a quadra festiva do Natal com sua filha, genro e neto, encontra-se nesta cidade com sua esposa, o nosso prezado amigo sr. Vicente do Carmo Junior, tesoureiro da Câmara Municipal de Torres Vedras.

— Regressou das nossas províncias Ultramarinas onde esteve prestando serviço militar o nosso conterrâneo sr. José Manuel Ribeiro Padinha.

— No gozo de férias esteve nesta cidade com sua esposa o nosso prezado amigo sr. Dr. Arnaldo dos Santos Lança, meritíssimo Juiz de Direito.

Também em férias encontram-se nesta cidade, os nossos conterrâneos estudantes dos cursos superiores, Melles Flávia Barqueira e Ana Maria Martins, alunas da Faculdade de Ciências de Lisboa, Jorge Pires, aluno do I.S.T., Avelino de Jesus Viegas, da Faculdade de Direito de Lisboa, Melle Maria Ofélia da Costa Oliveira Bomba, aluna da Faculdade de Medicina de Lisboa, Jorge da Costa Oliveira Bomba, aluno da Escola Superior de Medicina Veterinária, Helder Baracho Dias, aluno do I.S.T., José Bacalhau, aluno do I.S.T. e José Picoito, aluno da Faculdade de Ciências de Coimbra.

gradecimento

Filipe Palmeira, Maria Lucília Reis Palmeira Arrais e Jorge Justo Pereira Arrais, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à última morada sua saudosa e extremosa esposa, mãe e sogra, Maria da Conceição Reis.



Noite de Natal LAGOS Retratada...

CONTO

Por Liberto Conceição

ELA abriu de par em par as persianas do seu quarto triste de solitária e deixou que a noite entrasse livremente. Uma brisa leve, fresca, sacudiu os seus cabelos soltos e viu que havia poucas estrelas. O Céu parecia grave, secreto, e ela, contemplando-o sentia-se também uma estrela perdida naquela imensidade. As vezes, vinha-lhe aquele sentimento estranho.

Olhava para o seu passado, contava e recontava as suas lutas, examinava os seus sentimentos, os momentos de desespero... ou contava as alegrias! Outras vezes, ficava apenas sentada no pequeno sofá de cor vermelha, afagando com o olhar o minúsculo quintal da sua casa.

Era assim que sempre idealizara, que sempre pensara. Aquele quarto, a sala pequenina e aconchegada, o tapete, as poltronas onde se sentaram seus velhos Pais, os quadros que pintara na juventude, o armário escuro onde guardava louças antigas e alguns cristais, o gira-discos rodando aqueles que lhe eram mais queridos à sua sensibilidade de mulher. Aquele aconchego que sentia, aquela janela dando para o seu pequeno quintal florido!

Um pouco do Céu que tinha à sua disposição e ao qual somente podia olhar, quando ficava em casa, donã das suas ações e dos seus gestos. Se examinasse a gaveta da esquerda, da sua escrivaninha, teria à sua disposição todos os recibos comprovativos de que tinha a sua vida económica em ordem. Na gaveta da direita, tinha a sua correspondência. Todas as cartas recebidas, cartões e telegramas, daqueles últimos 10 anos. Por isso os seus dias passavam sempre iguais. O relógio sempre certo. A hora do despertar, sagrada. Os passeios, aos Domingos, sempre monótonos, sempre identicos.

Sabia que no dia seguinte, às 8 horas, estaria lavando algumas peças de roupa, às 8 e meia tomaria o seu café com leite, para, um quarto de hora depois estar na garagem do auto-carro, de modo a poder começar o seu trabalho, no escritório onde era empregada, às 9 horas da manhã!

Naquela noite de 24 de Dezembro, esperava, — como sempre o fazia — a visita de seu irmão. Ele chegava sempre ao entardecer. Conversavam durante algumas horas. Em seguida Luis dava-lhe um beijo e ia-se embora levando alguns presentes que sempre reservava para os sobrinhos. A visita do Luis era tão pontual, tão certa que aquela Noite de Consolida parecia diferente por causa da sua ausência. Por isso a garrafa do vinho do Porto que já tinha posto sobre a mesa, não fazia ali sentido. O presunto, os pastéis de bacalhau, as fatias douradas e outros acepipes dispostos em pratos, também não. Tudo lhe parecia estranho agora, olhando a Noite de Natal e não uma noite como outra qualquer. Luis podia ter telefonado a avisar que não viria. Estaria doente? Os filhos estariam bem? Nem sequer pensava que algo de mal lhe poderia ter acontecido. Os presentes que comprara para cada membro da família, pareciam, nas suas embalagens tradicionais, descoloridos, como se tivessem perdido algum fluido miste-

terioso e como se cada um daqueles embrulhos não fosse apenas um embrulho, e não uma carinhosa forma de lembrar os entes queridos. Deu-lhe vontade de andar. E, pela primeira vez, andar apenas sem rumo, ao acaso, andar por aí, olhando, aspirando a vida que fluía de cada rua, de cada porta, de cada auto-carro que passava apressado. Fechou a porta e saiu! A certeza de que Luis não viria transformara-se como que numa traição. Seu único irmão! Sabia que ela estava sempre à sua espera, que lhe reservava a Noite de Natal, que gastava com a família dele uma boa parte das suas economias. Era triste!

Foi andando acabrunhada. Era como se lhe tivessem roubado alguma coisa. Atravessou várias ruas, vagarosamente. Descendo a Avenida passavam já numerosas pessoas a caminho das Igrejas da Baixa para assistirem à Missa do Galo. Já próximo dos Restauradores limpou cuidadosamente com um lenço um dos bancos da Avenida e aconchegando a si, o seu casaco de inverno, acomodou-se dentro da sua decepção.

Sentiu que alguém a olhava. Era uma mulher magra, com os cabelos cobertos com um lenço de ramagens, uma blusa de lã de cor indefinida e um largo casaco de inverno com alguns anos de atraso em relação à moda actual. O conjunto era tão estranho que voltou o rosto para não parecer indiscreto.

Mas, mesmo olhando para o outro lado nos seus olhos persistia a figura daquela mulher de largo casaco antiquado com os cabelos cobertos por estranho lenço!

— Estou incomodando? Perguntou a mulher.

Aline olhou de novo e respondeu evasivamente. A mulher calçava uns sapatos cambados e desconjuntados pela acção do tempo. E sentiu que havia algo de revolta no tom da sua voz. Uma bafurada de fumo passou-lhe pelo nariz.

— Fumo de cigarro ordinário — disse a mulher. E riu.

Aline olhou-a então, como se aquele riso a obrigasse a isso.

— Porque será que nós fumamos? — perguntou a mulher examinando o cigarro entre os dedos. — Há quem diga que é a solidão. Eu por mim não creio. Eu sei que não é a solidão. Eu fumo porque sinto que há em mim algo que se esvai como a fumaça dos cigarros que devo. Os cigarros são todos meus irmãos. Vamos para o infinito! — e soltou vagarosamente outra fumaça, que ficou olhando até que se dissipou no ar.

— Estamos voando em direcção às estrelas — continuou.

Era insensato ouvi-la. Não sabia o que dizer, mas agora tinha a certeza de que não abandonaria aquele banco da Avenida enquanto aquela mulher estivesse a seu lado. Parecia-lhe insensata. Mas quando falava, a sua voz adquiria tamanha força, um colorido tão profundo que era como se as suas frases adquirissem nuances especiais. E não sabia dizer porque, mas quando aquela mulher lhe dissera que caminhava, como o fumo, em direcção das estrelas, olhava ansiosamente o rumo que seguia o fumo do cigarro. A mulher continuava a rir de vez em quando.

— Não se preocupe, a minha alma acaba sempre por recom-

por-se. É como certos animais. Creio que tenho a alma feita da mesma substância com que são feitas as lagartixas. Cortam-lhe a cauda... nasce de novo! Aniquilam o delicado recanto onde guardo os meus sonhos de amor. Eles renascem outra vez. Rasgam com força um bocado onde estavam guardados os mais importantes projectos da nossa juventude. Eles nascem outra vez, reaparecendo por dentro intacta! Sonhos e tudo!

Ergueu-se, pôs-se em frente de Aline e murmurou:

— Algumas almas nunca se recompõem. Ficou um instante parada.

— Você sabe que chove sempre pelo Natal? Aline abanou a cabeça.

— Hoje é Noite de Natal e não está chovendo.

— Como não?

A mulher excêntrica estendeu a mão e fechou os olhos, como se quisesse captar algumas gotas.

— O Céu está estrelado e sopra apenas uma leve aragem. Não há chuva. Nem sequer está frio.

— Chove sobre as almas aleijadas, as que não se recompõem.

— Quem é Você — perguntou Aline.

A mulher retirou do largo bolso do casaco um par de sapatos, calçou-os substituindo os velhos e explicou:

— Algumas pessoas ressentem-se quando nos vêm mal vestidos... mal calçados. Estão calçando estes sapatos para que Você se sinta mais à vontade. É um presente do Natal. Boas Festas... vou continuar a andar o meu caminho.

— Porquê?!

— Pergunto eu: Porque não vai Você também? Porque fica parada com o seu mundo de recordações? Tome os seus embrulhos, carregue consigo a chuva que traz na alma e deixe que reine a alegria nas almas suas irmãs.

Amanhã — respondeu-lhe Aline, assustada com a sua própria fraqueza.

— Tem que ser agora. Cada minuto que passa é uma aventura. Os instantes da nossa vida não andam presos por cadeias, como Você pensa. Andam soltos. Agarre este instante que se lhe depara e caminhe.

Passou alguém. A estranha mulher pediu-lhe qualquer coisa e voltou radiante.

— É apenas uma caixa de fósforos. Uma simples caixa de fósforos, tão importante para mim. Os meus tinham-se acabado!

Murmurou ainda antes de se afastar:

— AGORA!

Aline viu aquele extravagante casaco comprido ir-se afastando, rapidamente, quase dissolvendo-se na sombra da noite!

Ergueu-se. Reflectia. Foi de novo para casa. Ia pensando: Seria uma pedinte? Mas era como se ainda ouvisse a sua voz, misteriosa, dizer «Agora».

Juntou os embrulhos que reservara para os sobrinhos, embrulhou a ceia com cuidado, e com duas sacolas repletas, viu-se subitamente, ela também, andando dentro da noite. Viu-se procurando o auto-carro, esperando outro. Viu o auto-carro correr, parar aqui e além, dobrar ruas, atravessar bairros.

Era ela mesma quem saltava ligeira, serena, carregando as suas sacolas a caminho de casa de seu irmão? Era ela?

Uma posição indesejável

O velho Castelo dos Mouros, monumento nacional, encontra-se emporelhado pelo encosto de um armazém de preparação de peixe para exportação e de uma fábrica de conservas de peixe.

Alli próximo encontra-se a capelinha de S. Gonçalo — único santo português e lacobrigense — visitada constantemente, por numerosos devotos.

Alli, perto daquele Santo e arrumado ao castelo, notamos, muita vez, caixas de peixe, porcaria e fedor, inferiorizando um Santo, um monumento, uma cidade, um país nobríssimo e um povo honrado!

Os estrangeiros que por ali passam, olham toda aquela imundície com declarada repugnância, calculando-se o volume e o quillate dos seus pensamentos...

Aquela fábrica, está envenenando a atmosfera cittadina. Alli, perto, há um hospital. O fumo e vapores da dita fábrica devem ser prejudiciais para os doentes.

Em frente dessa fábrica tenciona o Estado fazer uma Esplanada. Os esgotos da mesma fábrica vão despejar as suas águas pestilentas próximo das nossas praias de banhos! Sim, do ponto de despejo às ditas praias não vão grandes distâncias.

A descrita fábrica deve ser destruída, bem assim o dito armazém que lhe está pegado deixando livre o nosso velho Castelo, durante tantos anos emporelhado.

Combatidos e vencidos, de vez, os seus vândalos, façamos melhorar o seu magnífico aspecto medieval.

A fábrica deve ser destruída mas recomendável, dentro do nosso

concelho e nunca, como fez um lacobrigense, recebendo o dinheiro dado pelo Estado, por ter sido a sua fábrica reprovada, pois estava junto ao mesmo Castelo, a transferiu, o seu alvará, claro, para Aveiro, dando assim, esse lacobrigense declaradas provas de não ser um bom filho de Lagos!

Já agora, vale a pena contar a origem desta fábrica, aos nossos leitores:

Já lá vão tantos anos! Meu saudoso amigo, sr. Francisco Borba, requereu à Câmara de então licença para construir uma fábrica de conservas de peixe junto ao Castelo, do lado da praia. A Câmara, por bem, indeferiu a sua pretensão. Porém, tempos após, um italiano, que veio para Lagos na sua humilde qualidade de simples salgador de uma Estiva, conseguindo endinheirar-se, requereu à Câmara idêntica pretensão. E a Câmara deu deferimento, e Paulo Cocco construiu ali a sua pequena fábrica, chegando a pedinchar, muita vez, determinadas ferramentas e peças, dadas para a laboração da sua fábrica, por se dizer sem dinheiro para comprá-las aos industriais de serralharia. Houve quem dissesse que tudo aquilo foi fantochada...

Todavia, apesar de tudo, Paulo Cocco foi um homem bom e grande amigo de Lagos. Bem merecia o seu nome dado a uma das ruas da nossa cidade, mas Lagos, os seus filhos de grandes responsabilidades, são ingratos e nem sequer lembram já deste homem!

Ele nos deu uma fábrica, uma Estiva, o actual cinema que temos. Concorreu, durante a sua vida, para que muitos operários tivessem garantido o pão de cada dia. Foi um amigo grande, sincero, dos seus operários aceitando, sempre, com satisfação, todas as suas graças, e brincava com todos eles, tal qual uma criança cheia de bondade.

Enriqueceu em Lagos mas adorava esta terra onde viveu o melhor da sua vida e morreu!

Aqueles que, após a sua morte herdaram o seu dinheiro, destruíram quase totalmente a essência da sua obra, levando o alvará da sua fábrica para uma terra que lhe era estranha e que nunca lhe dera pão, nem aos seus, não respeitaram, assim, a sua memória!

Ele fora meu amigo, porque me conhecera bem quando ele era simplesmente operário.

Manuel Geraldo

TOTOBOLA

18.ª jornada 10/1/965

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1	Varzim — Setúbal	2
2	Belenenses — Lusitano	1
3	Braga — Sporting	x
4	Académica — Leixões	1
5	Vila Real — Peniche	2
6	Leça — Beira Mar	x
7	Sanjoan. — Covilhã	1
8	Espinho — Boavista	1
9	Marinha — Salgueiros	1
10	Sintrense — Luso	1
11	Olhanense — Barcelren.	1
12	C. Piedade — Leões	1
13	Portimonen — Almada	1

Jorge Cruz

Era ela quem batia naquela porta do Bairro de Belém, sentindo o coração aquecer-se porque lá dentro, através dos vidros da janela brilhava uma luz e sabia que estavam ali os seus únicos entes queridos?

Abriu-se a porta. A cunhada e o irmão perplexos pela surpresa viram-na, sorridente, depositar a sua bagagem à porta — FELIZ NA TAL — disse ela, beijando o primeiro sobrinho que apareceu.

Depressa os garotos a puxaram para dentro num alvoroço de risos e surpresas, abrindo os pacotes com sofreguidão! Ordem! Calma! — gritava o irmão!

Mas Aline sacudia a cabeça propondo agora que toda a família ceasse e passassem a noite conversando. E, em torno de todos aqueles acepipes que ela mesma preparara, juntou-se um tumulto de risos e falas. O irmão e a cunhada tentavam explicar a razão porque ele faltara. Não tinha importância!

Pela primeira vez, vira a cara dum menino alegrar-se diante duma bola e outro concentrar-se sobre um pequeno comboio colorido. Era tudo novo para ela, tudo diferente. O próprio irmão, no meio da sua gente, parecia ganhar mais claridade, falando com ela noutro tom diferente, mais humano. Um relógio bateu 2 horas da manhã!

Que extravagância — murmurou o irmão — estas crianças ainda acordadas e um alvoroço destes a esta hora da madrugada!

Mas Aline pôs a mão sobre o peito e disse com brandura: — Está chovendo.

E o seu sorriso continha uma secreta descoberta,

NECROLOGIA

D. Maria Apolinária Pires

No passado dia 25 de Dezembro faleceu a sr.ª D. Maria Apolinária Pires, de 87 anos de idade, viúva do sr. José Bernardo de Mendonça, já falecido, e madastra do sr. José Bernardo de Mendonça Junior, também já falecido e madrinha e avó do nosso assinante sr. Tolentino Bernardo de Mendonça Nunes, aspirante de finanças, neste concelho.

Os seus restos mortais foram depositados na igreja de S. Paulo, onde foi celebrada missa de corpo presente, tendo-se realizado o funeral na tarde de 26 de Dezembro.

D. Maria Cândida de Sousa Marques Picoito

Em 28 de Dezembro de 1964, faleceu nesta cidade, a Sr.ª D. Maria Cândida de Sousa Marques Picoito, de 55 anos de idade, esposa do Sr. Quintino Gago Picoito.

Era mãe do Sr. D. Maria Helena Marques Picoito de Mendonça, casada com o Sr. Tolentino Bernardo de Mendonça Nunes, aspirante de Finanças.

Após o falecimento, o corpo da falecida foi depositado na Igreja de Santa Maria do Castelo, onde foi celebrada missa de corpo presente.

O funeral que se realizou na tarde de 29, foi muito concorrido.

Dr. João Augusto Filipe Gonçalves Saias

Faleceu em Lisboa o sr. dr. João Augusto Filipe Gonçalves Saias, de 87 anos, natural de Olhão, advogado, casado, com a sr.ª D. Duse do Rosário Gonçalves Saias e pai das sr.ªs D. Mariana Gonçalves Saias e das srs. João Augusto Filipe Gonçalves Saias Júnior e Luis Manuel Gonçalves Saias.

O funeral realizou-se em auto-fúnebre para o Cemitério de Olhão.

Pedro da Silva Madeira

Faleceu em Lisboa o sr. Pedro da Silva Madeira, de 52 anos, natural de Tavira.

O falecido era pai das sr.ªs D. Maria Eduarda Nabais Madeira, Borges e D. Rosa Maria Nabais Madeira.

As famílias enlutadas endereçam os seus sentimentos pesames.

VENDEM-SE

Dois moradas de casas em estado novo.

Nesta Redacção se informa.

Informações fiscais

Contribuição Industrial - Grupo C — Até ao dia 10 de Janeiro os contribuintes deste grupo deverão apresentar na Repartição de Finanças dos concelhos ou bairros onde tiverem situados os seus estabelecimentos ou, não os havendo, na do concelho ou bairro do seu domicílio, declaração m-5, em duplicado, com excepção daqueles cuja actividade foi iniciada no último trimestre do ano de 1964 — que só terão de o fazer em 1966.

Também deverá ser apresentada igual declaração m-5 por todos os contribuintes que tenham mudado o local do estabelecimento ou do domicílio, na falta daquele, que se verifique alteração do número de pessoas ao serviço da exploração comercial ou industrial ou ainda do número de máquinas ou veículos aumento ou diminuição superior a 20% da renda ou da taxa de ocupação ou da soma dos ordenados e salários.

Se a actividade for de exercício periódico ou interpolado a declaração m-5 será renovada todos os anos.

Contribuição Industrial - Grupos A e B — Até 31 deste mês verifica-se o pagamento da liquidação provisória aos contribuintes destes 2 grupos. Se a importância do conhecimento exceder 200\$000, será paga em 2 prestações. A 1.ª em Janeiro e a 2.ª em Julho.

Contribuição Predial — Até 31 deste mês todos os contribuintes que sejam proprietários de prédios urbanos arrendados, deverão apresentar, em separado, por cada prédio a declaração m-130.

O pagamento da contribuição predial será efectuada de uma só vez quando inferior a 200\$000, vendendo-se em Janeiro, Fevereiro e Março (estes 2 últimos meses com juros de mora).

Imposto Profissional — Também até 31 de Janeiro deverão ser apresentadas declarações m-1, em duplicado na Repartição de Finanças do concelho ou bairro da área do domicílio. Esta obrigação compete a todos os empregados que auferiram mais de 18 000\$000 e aos contribuintes que exerçam actividades por conta própria indicadas na tabela anexa ao respectivo código.

Isqueiros — A renovação destas licenças deverá efectuar-se até 15 do corrente mês.

Imposto de Trânsito — A sua renovação termina no fim deste mês incluindo os títulos de isenção.

GAZETILHA

PROFECIAS DO ANO NOVO

*Ai vem o Ano Novo
E pra festejá-lo bem
Anda em alvoroço o povo
Muito embora sem cêntem.*

*Ano Novo vem lembrar
Ao povo as obrigações
E logo pra começar
Temos as contribuições.*

*Já que o bixesto acabou
Vamos seguir novo lema,
Tal como se projectou
Teremos novo cinema?*

*Ano Novo, nova lei.
Andam todos alegres
Pra ver na Horta d'El-Rei
Os formosos palacetes...*

*Tudo corre à maravilha,
Lá vão todos no torpel
Esperar a ponte pra ilha
De mãos dadas com o hotel.*

*Se o pão já é uma mistela
Pra que o turismo deleite
Falta a vaca e a vitela.
E sobe o preço do leite.*

Zé da Rua

Poetas que a guerra emudeceu

(Incluídos nos livros «Die Stimme des Menschen», Piper Verlag, Munique, 1945, e «Lesebuch für Deutsche», Estugarda, 1958)

Traduzido do alemão por Elviro Rocha Gomes.

Tal é o título e informes que o sr. Dr. Rocha Gomes quis dar ao seu trabalho deveras meritório: difundir o canto erradio das harpas sagradas que o tufão da fatalidade quebrou, e dar a conhecer, aos seus compatriotas menos dotados de cultura, os mais espiritualizados cumes da montanha de preocupações e anseios que os poetas-soldados guardaram na alma.

Comovidamente nos detivemos na leitura de cada pequeno e belo poema onde há quixas delicadas e esperanças que murcharam na jarra de oiro de tanta mocidade sacrificada, e atentamente admiramos a elegância sóbria da tradução esmerada que nos recorda que para compreender poetas só o coração dum poeta.

Cada autor traduzido traz uma ligeira referência e a edição do autor é elegante e cuidada.

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Geografia Aplicada ao Progresso do Algarve

(Continuação da 1.ª página)

inúmeros elementos cartográficos e estatísticos que em variados tipos de publicações, inerentes a uma múltipla e diversa actividade humana, e muito particularmente o Censo demográfico que regularmente tem sido publicado desde 1890.

Referindo-se ao caso particular do Algarve, onde se começa a operar um mais completo desenvolvimento económico, disse caber à população algarvia a predominante preocupação de tentar dentro das possibilidades impostas pela Natureza e recursos técnicos que o progresso vem proporcionando, tirar o máximo rendimento e benefício das fontes de riqueza que possui, porque paralelamente viria surgindo por acréscimo e complemento aquilo que o Estado julgasse conveniente e oportuno criar e desenvolver, como se tem verificado.

Numa altura em que o Algarve é procurado por nacionais e estrangeiros, pela sua amenidade climática e belezas naturais, deveria conhecer-se mais profundamente a Província e sentir mais de perto os inúmeros recursos que a Natureza prodigamente concedeu àquela parcela do território Nacional.

Assim, sugeria que estudos monográficos e outros relacionados com sectores económicos, sociais e culturais de maior importância, pudessem desenvolver-se simultaneamente.

Depois de ter procedido a uma análise e crítica construtiva de alguns aspectos monográficos do concelho de Albufeira, nomeadamente clima, solos, vegetações, povoamento e modo de vida, terminou dizendo:

Um estudo ponderado embora lento, exigindo uma larga e eficaz colaboração, mas oferecendo as melhores bases de segurança, constituiria uma possível garantia da manutenção dos princípios tradicionais em íntima relação com o progresso da Província e consequentemente do País, sem ter que se fazer um retorno à readaptação de certos factores económico-sociais que por vezes se julga de imponderável importância.

A terminar o general Leonel Vieira num brilhante improviso agradeceu ao Dr. José João Vieira, em nome da assistência, a valiosa conferência acabada de proferir e aproveitou a oportunidade para chamar a atenção dos algarvios a não se alhearem dos seus próprios interesses perante a crescente atracção turística do Algarve com o que criou problemas de urgente e prudente solução.

Este número foi visado pela Censura

EM BUSCA DA VERDADE

*Sua ve a madrugada. Destino não.
No bosque ao longe uma raiz tombada
no chão, desorganizada... a vida é breve.
É breve a vida da gente
de que mistérios vens, resignação?*

*Também estou à espera do poente
na minha estrada há luz e passa gente
vidas breves e inglórias
o ar é seco e quente
e aquilo que vivi não é ausente
sou nervos, lágrimas e suor
rugas de sábia
e ritos de amargor.*

*A soledade que dos olhos se me entorna,
a tudo e todos contorna
marioneta branca e morna
de líricos engonços
que me doem
quando se torcem em viagens de assombro...*

*É nas longas viagens
em que se sobrepoem imprevistas imagens
inconscientes e livres
alcanço o bordão do conhecimento
e munida do meu radar... caminho para a verdade
liberta de vãos encontros
de promessas desfeitas
de imaturidade.*

*Dai-me o que peço, vós que sabeis e sentis até ao fim,
dai-me o que peço. Vós que na imensidade nem
olhai para mim*

*e existo aos milhões e milhares
relâmpago a iluminar os ares
breve e sem história
Dai-me a vitória de transportar-me e sobrevoar milénios
para me encontrar e Vos encontrar
Pêndulo ideal
Que da lei material me vá libertando
e não cesse a loucura de me procurar.*

Silvia Vaz

O Senhor Janeiro

(Continuação da 1.ª página)

arreganha, risonho, o branco bigode à Kaiser. Gosta de ver as caras dos homens mortificados de frio e as senhoras aos pulinhos para não entrem com os pés nas poças de água, só um bocadinho mais pequenas que a lagoa de Obidos. Quando se ri, então, quando se baloiça, a fazer uma ventania tremenda com as abas largas do casaco pardo!

É demora-se trinta e um dias, pequenos, porque o sr. Janeiro é como aquelas pessoas que com pouco querem fazer muito: com os dias pequeninos ele faz um mês grande, grande e cheio de precalços, movimentado de acidentes meteorológicos e de surpresas climáticas.

Mas, mesmo nas barbas do sr. Janeiro, os homens lhe vão frustrando os planos ruvinhentos e mal humorados. Inventam caloríferos, abrigam-se em casa e trabalham mais que em qualquer outro mês.

A dois terços do decurso da visita do sr. Janeiro, começam as brincadeiras de Carnaval, para não citar, os cumprimentos aos Reis que se fizeram logo de princípio.

Quando, trinta e um dias passados da sua entrada, o seu sucessor se instala, apagado e rabuja, então os dias crescem um pouco, e os homens acenam um adeus aliviado, satisfeitos de o verem pelas costas e longe de renovar a sua visita anual, menos desejada que uma inspecção de serviços.

Em sua memória podiam, ao menos, extrair a raiz quadrada (ai, quadrada! latina é que a poderão achar!) do nome; para que não de estar com mais essa greúce?

Dizem que é autocrata e basta. Ele, contudo, gaba-se de não se ter servido do mando para obter facilidades.

Quando alguma roseira lhe oferecia umas florinhas enfezadas ele sacudia logo roseira

e rosas com o vasculho do vento. Mas se o céu, com saudades da terra, o mandava tirar a nebulosa capelina de abas largas, o céu regosijava-se então por ver que é da má sombra do sr. Janeiro que nasce a primavera radiosa. Janus seja louvado!

CAMINHOS DE FERRO

Adjudicação de estrums, lixo, etc.

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses aceita propostas em carta fechada dirigidas ao Serviço Comercial e do Tráfego, Largo dos Caminhos de Ferro, em Lisboa, até ao dia 31 do corrente, para a adjudicação do estrume, lixo, carrasca de pinho e aparas e resíduos de cortiça provenientes da limpeza das linhas e cais e das varreduras dos vagões descarregados, durante o ano de 1965, em diversas estações entre as quais Barreiro, Castelo Branco, Covilhã, Gaia, Montijo, Pampilhosa e Sintra, conforme aviso que se encontra afixado.

Câmara Municipal de Tavira

CONVITE

Realizando-se no dia 10 de Janeiro de 1965, pelas 16 horas, no Jardim de S. Francisco, desta cidade, frente ao Hospital da Misericórdia de Tavira, o descerramento dum busto perpetuando a memória do que foi ilustre Tavirense e benemérito daquela Misericórdia, Professor Doutor AUGUSTO DA SILVA CARVALHO, a Câmara Municipal de Tavira tem a honra de convidar todos os municípios do concelho a assistir à referida solenidade.

Tavira, 31 de Dezembro de 1964.

O Presidente da Câmara,
Jorge Augusto Correia (Dr.)

Morte Trágica

No passado dia 21 de Dezembro, quando a luz faltava na cidade, o sr. Jesuino Gabriel António saiu da sua casa ao princípio da noite, em direcção a qualquer ponto não distante. Em virtude da escuridão e do piso irregular no sítio onde residia, o Alto de S. Brás, tropeçou, caiu, batendo com a cabeça nas pedras, o que logo o deixou atordoado e a verter muito sangue.

Como não pudesse gritar e ninguém desse fé do acontecido, ficou durante horas à chuva, pois só quando as luzes voltaram, alguém deu pelo acontecido.

Transportado ainda com vida ao hospital e logo pronta e cuidadosamente socorrido, não resistiu ao traumatismo da queda e faleceu pouco depois.

O extinto era cabo da Armada e monitor da Escola de Pesca, cargo que desempenhou com dedicação e actividade, desde a fundação daquele estabelecimento, sabendo criar, entre os alunos, verdadeira estima.

Era natural de Tavira, contava 55 anos de idade e era casado com a sr.ª D. Maria do Carmo Gaspar, pai da sr.ª D. Maria do Carmo Gaspar Castanho Soares, esposa do sr. Liberto Camões Castanho Soares, comerciante, e do sr. António Gabriel, motorista marítimo, casado com a sr.ª D. Maria Amélia Nascimento Gabriel.

Manuel Mendes — Romance, 2.ª Ed. — Sociedade de Expansão Cultural

Não é um nome desconhecido no nosso meio literário, o de Manuel Mendes. A biografia, a crítica literária e artística devem-lhe trabalhos que merecidamente lhe conquistaram um plano de consideração elevada, entre os que tratam a literatura como coisa séria.

«Alvoradas», episódios do despertar da vida da gente moça, está escrito em estilo correcto e brilhante, natural e tão vivo que só por si, prende o leitor. Não há nele o mínimo rebuço, a mais leve afectação ou desejo de se fazer notar e, no entanto, começada a ler, a primeira linha, agarra-se como visco e prende o leitor até à última página, leve, claro, e cheio de movimento, como cheias de movimento e naturalidade são as as figurinhas que nestes singelos capítulos se agitam com a sua graça fascinante e as agruras próprias do desabrochar da inflorescência humana.

Vem agora em 2.ª edição mas cremos com fundadas razões que atingirá muitas outras, porquanto se apresenta palpante de vida e será lido, especialmente pela gente nova, com a simpatia merecida por toda a obra que denota a funda e amorável compreensão dos problemas e reacções da vida escolar.

Associação de Socorros Mútuos PROTECTORA dos ARTISTAS DE FARO

Da Direcção desta prestimosa associação farense, recebemos um amável ofício comunicando que deliberou exarar em acta um voto de muito agradecimento pela colaboração que lhe foi prestada pelo nosso jornal e que muito contribuiu para o assinalável êxito e brilhantismo de que se revestiram as comemorações do 108.º aniversário da fundação daquela Associação de Socorros Mútuos.

Agradecemos o simpático gesto da direcção e renovamos os nossos votos de prosperidades à «Protectora dos Artistas» de Faro, que poderá contar sempre com o nosso mais leal apoio.



Santo Estêvão

Acto de Benemerência — Pelo sr. Domingos de Sousa Uva foi mandado distribuir por ocasião da festa do Natal um importante donativo a cerca de 200 pobres, entre os quais figuram alguns pertencentes à freguesia de Santo Estêvão onde o sr. Domingos de Sousa Uva é também proprietário.

Assim o jantar do Dia de Natal para essas famílias contempladas pôde revestir-se de maior alegria mercê desse simpático gesto de benemerência que só pessoas bem intencionadas como o sr. Domingos Uva se dignam e sabem realizar.

Os referidos donativos que constavam de pão, açúcar, arroz, azeite, bacalhau, grãos, repolhos, laranjas e 20\$00 (isto é, cerca de 50\$ por cada pobre) totalizaram a importância global de 10.000\$00 aproximadamente.

Bem haja portanto por tão nobre gesto de beneficência!

Rancho Folclórico — No próximo dia 9 do corrente desloca-se a Lisboa, a fim de tomar parte no 3.º Festival do Folclore Nacional, o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Santo Estêvão.

A sua exibição realizar-se-á na noite do referido dia 9 no Pavilhão dos Desportos, cuja apresentação está a cargo do ilustre advogado e nosso prezado conterrâneo sr. Dr. Carlos da Costa Picoito, de quem o valoroso grupo muito tem a esperar, dado o prestígio e devotado amor que sempre tem manifestado pela sua terra natal.

— C.

Assinal o «Povo Algarvio»